

O discurso da *sexperícia* entre autoras e trabalhadoras do sexo

Le discours de la *sexpertise* chez les autrices et les travailleuses du sexe

Ioannis Koliopanos¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo compreender os livros autobiográficos de três autoras que relatam suas experiências como profissionais do sexo. Baseando-me na noção de sexperícia, forjada pela linguista Marie-Anne Paveau, tendo-se inspirada nomeadamente no trabalho pioneiro do antropólogo Marcel Mauss, eu proponho a hipótese de que as autoras em questão mobilizam seu conhecimento sexual como capital profissional na busca de reconhecimento social. Acontece que essa é uma tarefa delicada, pois as autoras têm de lidar com o estigma que pesa sobre as sexualidades “desviantes” e, mais ainda, sobre a prostituição. Assim, as histórias estudadas, oscilando entre a consolidação e a transgressão de normas, fornecem excelente material para a sociologia da sexualidade e do gênero.

Palavras-chave: Discurso. Trabalho sexual. *Sexpertise*

Résumé

Cet article vise à comprendre les livres autobiographiques de trois auteurs qui rapportent leurs expériences en tant que travailleuses du sexe. Partant de la notion d'expertise sexuelle, forgée par la linguiste Marie-Anne Paveau, m'ayant inspiré notamment des travaux pionniers de l'anthropologue Marcel Mauss, je propose l'hypothèse que les auteurs en question mobilisent leurs connaissances sexuelles comme capital professionnel dans la recherche de reconnaissance sociale. Il s'avère que c'est une tâche délicate, car les auteurs doivent faire face à la stigmatisation qui pèse sur les sexualités “déviantes” et, plus encore, sur la prostitution. Ainsi, les histoires étudiées, oscillant entre consolidation et transgression des normes, fournissent un excellent matériel pour la sociologie de la sexualité et du genre.

Mots-clés: Discours. Travail du sexe. *Sexpertise*

Recebido em: 28/03/2021.

Aceito em: 09/05/2021.

Introdução

Três autoras me permitem estudar a noção de *sexperícia* ou “competência nas técnicas sexuais do corpo” (PAVEAU, 2014a, p. 111). A primeira é Grisélidis Réal (1929-2005), uma escritora e trabalhadora do sexo (TDS) suíça conhecida na mídia. Ela recebeu cada vez mais consagração, especialmente desde sua morte em 2005. A segunda é Albertine (pseudônimo), garota de programa e coautora, com o sociólogo Daniel Welzer-Lang, de um livro intitulado *A puta e o sociólogo*, publicado em 2014. A terceira é Jenny Hiloudaki, ex-TDS e modelo que escreveu três livros autobiográficos. Ela é a mulher trans mais divulgada

¹ Université de Paris 13 – Sorbonne-Nouvelle (França), ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1916-8693>.

na Grécia, especialmente na década de 1990, em parte por causa de sua carreira paralela como supermodelo e seu relacionamento com um advogado, que resultou na sua expulsão da ordem dos advogados gregos.

A escolha desse corpus permite considerar as diferenças e as semelhanças entre as falas dessas três autoras. Na verdade, cada discurso vem de diferentes contextos socioculturais, geracionais e editoriais; além disso, cada um possibilita ver experiências subjetivas em vários campos, mas todas relacionadas ao trabalho sexual. No entanto, as autoras produziram discursos de *sexperita* com múltiplas questões que, às vezes, se sobrepõem; esses discursos devem, portanto, ser entendidos como representações de conhecimentos sexuais que podem ser explicados de um ponto de vista sociológico.

A *sexperícia*: prova de capital profissional e meio de reconhecimento social

A *sexperícia* é considerada na sua complexidade, nomeadamente numa perspectiva que não perde de vista o aspecto técnico, qualificativo e constitutivo desta noção. Assim, essas técnicas sexuais do corpo, do “primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo meio técnico, do homem” (MAUSS, 1934, p. 10) seriam identificáveis como “atos tradicionais efetivos”. Marcel Mauss, no entanto, apenas arranhou a superfície da questão das técnicas sexuais que chama de “técnicas reprodutivas”. Conforme a linguista Marie-Anne Paveau, trata-se de pensar essa questão no quadro particular das relações tarifárias postas no discurso literário. Mais precisamente, o questionamento da *sexperícia* como um discurso promotor de habilidades sexuais técnicas, se medirmos sua eficácia e sua transmissibilidade à luz do conhecimento sexológico, permite duas coisas: a primeira é contestar o aprimoramento desse tecnicismo como recurso de reconhecimento social; a segunda, compreender os discursos *sexperitos* sobre a transgressão ou, ao contrário, a reprodução das normas sexuais e de gênero.

Se os trabalhos de Paveau (2014a; 2014b) constituem uma inspiração teórica e política, eles também apontam para a questão crucial da transmissibilidade das técnicas e dos saberes sexuais de acordo com os diferentes registros discursivos. Sua pesquisa é baseada em um corpus amplamente audiovisual e digital de autoras americanas e francesas que são predominantemente TDS da indústria pornográfica e que foram convertidas em sexólogas e educadoras sexuais feministas. Pode-se argumentar desde o início que a diferença na eficácia da transmissão do conhecimento sexológico entre um discurso audiovisual e um discurso literário ou escrito, assim que as TDS os produzem, corre o risco de se tornar evidente. Portanto, estudar obras autobiográficas envolve desafios particulares.

Graças à colaboração do escritor e jornalista Jean-Luc Hennig, no final da década de 1970, que resultou em um livro de entrevistas e em duas coletâneas de cartas, Grisélidis Réal demonstrou o desejo de descrever as técnicas sexuais que ela usava em sua profissão, em particular no seguinte trecho:

J.-L. H. : Você diz que sem música é difícil?

G. R.: É difícil. Quando você tem um ótimo jazz, é tão maravilhoso sugar alguém com ritmo, me convém para os embelezamentos. Quando você tem um bom solo, depois de fazer as formigas japonesas, você pode apertar suas bolas na hora certa, isso ajuda! Depois que você lambe, você chupa, o cara goza com música.

J.-L. H.: O que são as formigas japonesas?

G. R.: Ah! Isso é algo que eu inventei. (Risos). Você tem o pênis do cara na boca de um lado, você pressiona a base das bolinhas, segura as bolinhas com a mão direita e aperta delicadamente, pressiona porque estimula o organismo na mão esquerda, ou seja, você cobre bem a haste com saliva, ela deve escorregar muito. Com a mão esquerda você faz as formigas japonesas, ou seja, você faz assim...

J.-L. H.: Você coça?

G. R.: Especialmente não! Você escorrega. É como se as formigas andassem no rabo perto da cabeça, você desce e sobe muito delicadamente, virando um pouco para que fique bem revestido de saliva e ao mesmo tempo que chupa, você exerce uma pressão delicada com a mão direita para baixo. É uma arte. É por isso que não precisa vir dizer que não somos úteis, tenho vários clientes que me disseram: “mas ninguém no mundo me fez tão bem”. Você vê que somos grandes artistas, é como tocar piano ou harpa ou violão, você tem que ter a técnica (HENNIG, 1980, p. 85).

Uma das perguntas que se poderia fazer sobre este excerto, lembrando a definição de Mauss, é a seguinte: qual é a sua eficiência em termos de transmissão de conhecimento prático e técnico? De maneira mais geral, quão eficazes são as fontes escritas a esse respeito? A questão surge ainda mais porque, neste caso, é uma passagem do oral para o escrito, um padrão discursivo recorrente em relação aos livros em que as TDS falam na primeira pessoa.

No caso de Réal, mais do que um objetivo educacional em termos de transmissão de conhecimentos sexológicos, nas descrições de suas relações remuneradas com seus clientes em Genebra, outras questões emergem, em particular o desejo de desmistificar a prostituição e, ao mesmo tempo, o desejo de uma literarização da sua experiência em que a postura de *sexperita* é central, mas também de uma procura de reconhecimento social e, simultaneamente, de uma subversão dos valores que estão na base desse reconhecimento. Sua trajetória seria “típica da dos porta-vozes dos estigmatizados” (MATHIEU, 2015, p. 97), apresentando-se “como modelos vivos de uma conquista da normalidade, como heróis da adaptação, dignos de prêmios públicos para ter provado que alguém de sua espécie pode ser uma pessoa realizada” (GOFFMAN, 1975, p. 38). Esta busca da estima e do reconhecimento social, tanto em Réal como em outros autores, é, no entanto, acompanhada por um desejo de transgredir as normas (literárias e sociais).

As palavras usadas pelas autoras refletem o ativismo delas ao ecoar as estratégias de reversão do estigma descritas por Erving Goffman. É o caso do insulto *puta*, cujo uso “ressignificado” pelas militantes TDS é recorrente, como a reapropriação militante de insultos sexuais como *queer* (PEREIRA, 2014) ou *pédé* (bixa), principalmente na comunidade da associação para a luta contra a AIDS (incluindo ACT UP) na qual vários ativistas TDS foram “treinadas” (LE TALEC, 2009; QUILLIOU-RIOUAL, 2014; MATHIEU, 2015). Da mesma forma, o uso igualmente recorrente - e na verdade muitas vezes pelas mesmas autoras ativistas - do termo “trabalhadora do sexo” (cunhado pela artista e TDS americana Carol Leigh em 1978) participa de uma busca pela reapropriação do estigma e pelo reconhecimento social. É justamente essa interação, entre a legitimidade do campo literário e o “estigma de puta” (PHETERSON, 2001), que sustenta as questões sociodiscursivas de minha pesquisa.

O segundo livro de Jenny Hiloudaki, publicado em 2003 e intitulado *A bíblia preta*, fornece um exemplo da combinação de vários tipos de conhecimento sexual, sexológico e sociológico. Hiloudaki assina, num estilo ao mesmo tempo pornográfico e humorístico, 23 capítulos que tratam de várias práticas desviantes (entre outras: BDSM, scatofilia, bestialidade, necrofilia) encontradas entre seus clientes (homens e mulheres). Em cada capítulo, ela destaca suas habilidades profissionais como sexperita enquanto descreve novas técnicas corporais que proporcionam o máximo de prazer para seus clientes e também para ela mesma. As descrições são sistematicamente detalhadas e técnicas, de modo que a questão da transmissibilidade pode surgir novamente. No entanto, o discurso de Hiloudaki também participa de uma denúncia das normas sexuais e, especialmente, da hipocrisia moral em geral, e, em particular, entre alguns membros de sua rica e famosa clientela. Se seus nomes não são dados, as pistas que ela semeia são bastante comprometedoras: “Devo mostrar-lhes rostos sem máscaras, atores sem repetição, hipócritas sem roteiro” (HILOUDAKI, 2001, p. 11). Mais especificamente, seu objetivo é “expor a hipocrisia de quem, embora indiferente - ou pior, hostil - à condição da mulher trans, não hesita em usar seus serviços sexuais” (HILOUDAKI, 2001, p. 11).

Assim como Réal, que usava o chapéu duplo excepcional de prostituta e escritora nas décadas de 1970 e 1980, Hiloudaki ostenta sua identidade como escritora e especialista em sexo, por um lado, para reivindicar sua utilidade social e, por outro lado, pretende incorporar, em vez de um assunto subordinado, uma espécie de *monstro de gênero* (sexual e também literário) em um contexto particular: o fascínio da mídia na virada do século XXI na Grécia em torno de mulheres trans TDS que se traduz em uma série de *eventos discursivos morais* (PAVEAU, 2013), ou seja, um conjunto de metadiscursos composto por julgamentos envolvendo normas e valores, produzidos no âmbito de programas de televisão com finalidade puramente sensacionalista. São discursos que condenam os discursos - mas também a identidade sexual e de gênero - das mulheres em questão. Recusando-se a ser relegada a essa posição e a essa estrutura discursiva objetivante, Hiloudaki consegue realizar um duplo processo de empoderamento: ter seus livros publicados por uma editora tradicional e implantar uma postura literária, bem como uma postura de sexperita que, entretanto, não está automaticamente isenta de representações normativas como a da mulher trans hipersexual.

Da mesma forma, em *O truque imaginário* (*La passe imaginaire*), sua primeira coleção de cartas dirigidas a J.-L. Hennig, Grisélidis Réal tenta descrever mais ou menos meticulosamente seu cotidiano como prostituta e ativista; por um lado, ela testemunha o desejo de desmistificar sua profissão e, ao mesmo tempo, faz esse processo de desvelamento numa obra literária onde a postura da autora/sexperita é sustentada por certos estereótipos como a educada cortesã, a prostituta de coração de ouro, etc. Por outro lado, a auto-revelação está associada a uma exposição dos clientes, muitas vezes mostrada sob uma luz nada lisonjeira, embora seja também sobre o prazer que alguns deles lhe proporcionam. Foi em 1979 que Réal aceitou a proposta de Jean-Luc Hennig de publicar seu caderninho preto no qual anotava seus clientes regulares:

Cada entrada começa com um nome masculino, sublinhado, continua com uma breve descrição (“gênero grande e sensível bruto”, “Preto extremamente inteligente de Madagascar”, “espanhol gordo engraçado, devoto, muito simples, honesto”, “músico particularmente bom”, “Porquinho quer dinheiro”, etc.). Depois, vêm as características das partes sexuais de cada pessoa, seus gostos, que as levam ao êxtase, das mais padronizadas às mais caprichosas, com grande detalhamento e precisão (CUDRÉ-MAUROUX, 2016, s/p, grifos do autor).

Neste caderno, também encontramos técnicas sexuais, brevemente apresentadas, como a penetração digital do ânus praticada com a maioria dos clientes. A este respeito, os relatos de sexperícia escritos por TDS podem ser úteis como fontes de conhecimento sexual e entendidos como documentos a serviço de uma sociologia da sexualidade, em termos de normas e tabus sexuais, na medida em que as autoras demonstram um “esforço de reflexividade e consistência das experiências pessoais [...] que convida os sociólogos a questionar os seus textos como documentos sobre a evolução da normatividade sexual contemporânea” (BOZON, 2007, p. 7).

Um processo editorial diferente daquele envolvendo Réal e Hennig ocorreu durante a produção da obra em coautoria por Albertine e Daniel Welzer-Lang. Note-se, entretanto, que esta é também uma colaboração entre uma TDS e um intelectual, situação que poderia ser descrita como um processo de *enquadramento discursivo*. O que exatamente é isso? Numa série de trocas, tanto escritas como orais, os dois autores chegaram a um acordo sobre uma estrutura híbrida, na qual a TDS relata a sua experiência e o sociólogo revela as suas notas, através das quais comenta cada passagem do discurso de Albertine em ordem. Outros comentários assinados por Welzer-Lang podem ser encontrados espalhados pelos vários relatos de Albertine. O segundo capítulo do livro é intitulado *Práticas: habilidades especiais* e sua segunda metade é intitulada *Sexualidade: partes do corpo oferecidas para transações e tecnologias sexuais*:

Como todos os negócios, o trabalho sexual, do qual a escolta de luxo é uma característica específica, exige um certo número de habilidades e tecnologias; neste caso, tecnologias sexuais, adquiridas empiricamente através da experiência (não há escola na França para aprendê-las). É a forma de troca de perguntas e respostas que Albertine escolheu para explicar gestos, movimentos, posições, posturas corporais (ALBERTINE; WELZER-LANG, 2014, p. 15).

Albertine, sem realmente produzir um discurso hierárquico entre as diferentes profissões do sexo, reivindica sua escolha de acompanhante de luxo. Nesse contexto, assim como Réal (que, no entanto, representa o estereótipo da puta popular), Albertine adota uma postura que afirma ser o caráter (estéreo)típico da sexperita: a da cortesã que é sexóloga, psicóloga, socióloga e filósofa. Ainda assim, em termos de transmissão e eficiência - os critérios definidores das técnicas segundo Mauss - estamos muito longe do corpus estabelecido por Paveau. Assim, não é de estranhar que Welzer-Lang reconheça implicitamente a ineficácia do discurso de Albertine em termos de transmissão de conhecimentos técnicos, enquanto esta se abstém de fazer uma análise do seu próprio discurso:

A contribuição de Albertine sobre esta questão é, portanto, original. Não estamos em uma descrição exibicionista que parece pornografia e cujo objetivo é entusiasmar o leitor. Nem mesmo em um tratado explícito sobre sexologia para fins educacionais. Um editor certamente expressou interesse por esta parte do manuscrito, na perspectiva de um livro de conselhos práticos. Deixo a Albertine desenvolver e continuar neste caminho. Esse não é o objetivo deste livro. Pelo contrário, são o início de uma codificação dos gestos e posições corporais que Albertine usa em sua profissão. Uma espécie de esboço sobre tecnologia sexual. Esperando que outros textos semelhantes possam permitir debates e intercâmbios teóricos e tecnológicos (*ibid.*, p. 127).

No entanto, pode-se surpreender que o trecho acima pareça fazer parte de uma concepção binária que claramente colocaria o discurso pornográfico contra o discurso sexológico. Essa dicotomia é com razão questionada em outras obras: “longe de serem apenas tratados descritivos, os livros didáticos podem incluir tanto narrativas quanto elementos teóricos” (DUBOIS, 2014, p. 28). E Paveau acrescenta: “se a pornografia é uma forma cultural, então como qualquer cultura, é provável que seja um local de aprendizagem ou, pelo menos, contenha informações que podem ser apropriadas por seus consumidores” (PAVEAU, 2014b, p. 5). Essa visão um tanto dualista (esquematisando pornografia/sexologia) que Welzer-Lang parece demonstrar aqui é tanto mais surpreendente quanto várias descrições de *Albertine*, que têm um aspecto pornográfico subjacente.

Seja como for, as histórias TDS constituem um verdadeiro reservatório de conhecimentos preciosos para diferentes disciplinas e abordagens que tomam a sexualidade como um objeto, seja em um quadro normativo ou não. Muitas vezes, as autoras surgem, e às vezes simultaneamente, como teóricas, técnicas, educadoras, ativistas e artistas. No entanto, esses relatos podem representar desafios - epistemológicos e metodológicos - para quem os examina, devido às diferentes posturas de escritora/*sexperita* que as autoras adotam, bem como à durabilidade de representações ora naturais, ora relevantes que levantam barreiras mais ou menos altas entre o pessoal e o profissional, e entre o privado e o público. Se for necessário levar em conta as peculiaridades de cada autora, para evitar qualquer forma de essencialismo, deve-se reconhecer que cada uma dessas informantes privilegiadas produziu atos de autoescrita que “confundem as fronteiras entre subjetividade e objetividade e, portanto, entre sociologia e literatura, entre literatura e sociologia” (LEIBOVICI, 2011, p. 7), daí seria redutor considerar “apenas sob o signo de uma internalização dos códigos culturais dominantes” (LEIBOVICI, 2011, p. 7).

Assim, apesar das suas particularidades e diferenças, estes trabalhos apresentam pelo menos um traço em comum, a saber, este desejo de auto-revelação, parte integrante de uma busca mais ampla de reconhecimento social e estima por parte das autoras. Essa busca passa pela reivindicação de sua profissão (e sua utilidade), que inclui um discurso de auto-apresentação gratificante como prova de capital profissional. Considerar esses discursos sobre a sexualidade mais como atos de subjetividade e resistência coletivas permite apreender a trajetória discursiva das autoras como um conjunto de etapas de auto-realização, ou seja, tomadas em “relações intersubjetivas de reconhecimento mútuo” (LEONTSINI & PAPADAKOU, 2017, p. 79). Nessas falas, as autoras destacam aptidões profissionais semelhantes em uma argumentação muito parecida em termos de representações: de um lado, a *sexperícia* delas - corporal, cerebral e cultural - que as aproxima das figuras das grandes cortesãs do passado; de outro, seus conhecimentos e técnicas terapêuticas que as aproximam de psicólogos e sexólogos.

Conclusão

A compreensão das obras em questão parece ser capaz de superar um grande desafio epistemológico e metodológico, a saber, a análise sociológica das autobiografias como reconstruções da experiência vivida, ainda enquadradas por processos editoriais. Assim, sem ofuscar as peculiaridades individuais de cada autora e de cada obra, poderíamos

refletir sobre os desafios de uma sociologia da escrita de si e propor abordagens - como as reflexões embrionárias sobre o discurso da sexperícia aqui apresentadas - para que as autobiografias possam constituir um material sociológico viável².

Referências

- ALBERTINE & WELZER-LANG, D. **La putain et le sociologue**. Paris: La Musardine, 2014.
- BOZON, M. **Sociologie de la Sexualité (cursus)**. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2007.
- CUDRÉ-MAUROUX, S. **Le carnet de bal de Grisélidis Réal**. Biblioteca Nazionale Svizzera BN, 2001.
- DUBOIS, F. **Introduction aux Porn Studies**. Bruxelles: Les Impressions Nouvelles, 2014.
- GOFFMAN, E. **Stigmate, les usages sociaux des handicaps**. Paris: éd. de minuit, 1975.
- HENNIG, J. **Grisélidis courtisane**. Paris: Albin Michel, 1981.
- HILOUDAKI, J. J. H. *In: Greek Female Models*: Elena Papparizou, Julia Alexandratou, Zoe Laskari, Katia Dandoulaki, Vicky Kaya, Jenny Hiloudaki, Aliko Diplarakou. Memphis/TN: Books LLC, 2001.
- LEIBOVICI, M. Écritures de soi entre les mondes: Décrypter la domination (mai 2011). **Tumultes**, n. 36, 5-12, Éditions Kimé, 2011.
- LEONTSINI M.; PAPADAKOU, Y. **Trans Subjects in the Making**: The Quest for Recognition in Greek Trans Women's Autobiographies. *Storytelling, Self, Society*. Vol. 13, n. 1 (Spring 2017), p. 76-93.
- LE TALEC, J. Genre et militarisme homosexuel l'importance des follers et du camp. *In: Olivier Fillicule e Patricia Roux (org.) Le sexe du militantisme*. Paris: Presses de Sciences, 2009, ch. 8, p.205-222.
- MATHIEU, L. **Sociologie de la prostitution**. Paris: La Découverte, 2015.
- MAUSS, M. Les techniques du corps. *In: Journal de Psychologie*, XXXII, n. 3-4, 15 mars - 15 avril, 1934.
- MORALDO, D. Les récits d'alpinisme: Des vecteurs de transmission de savoirs et de représentations. *In: Narrative Matters, Récits et savoirs*. Paris, 2014.
- PAVEAU, M. **Langage et morale**: une éthique des vertus discursives. Paris: éditions Lambert-Lucas, 2013.

² A esse respeito, podemos ler com proveito o trabalho de Delphine Moraldo (2014) sobre as autobiografias de montanhistas.

PAVEAU, M. **Ce qui s'écrit dans les univers numériques**. Matières technolangagières et formes technodiscursives. *In*: Itinéraires ltc, dossier Textualités numériques, 2014a. Disponível em: <http://itineraires.revues.org/2313>. Acesso em: 03 fev. 2017.

PAVEAU, M. **Quand les corps s'écrivent**. Discours de femmes à l'ère du numérique. Éric Bidaud. Recherches de visages. Une approche psychanalytique. Hermann, 2014b. Disponível em: <https://hal-univ-paris13.archives-ouvertes.fr/hal-01163501> Acesso em: 03 fev. 2017.

PEREIRA, P. **De corpos e travessias**: uma antropologia de corpos e afetos. São Paulo: Annablume, 2014.

PHETERSON, G. **Le primes de la prostitution**. Paris: L'Harmattan, 2001. Bibliothèque du féminisme.

QUILLIOU-RIOUAL, M. **Identités de genre et intervention sociale**. Paris: Dunod, 2014. Collection Santé Social.